

AntiSaramago

Luis Maffei*

RESUMO:

Refletir sobre José Saramago exige pensar obra e biografia, buscando articulá-las pelo viés da tensão. O autor de *Memorial do convento* notabilizou-se não apenas por seus romances, mas também pela atenção que recebe enquanto sujeito civil politicamente ativo. Dados como a tolerância de Saramago ao mercado e à publicidade, sendo ele um declarado marxista, ensejam uma discussão que procure enxergar o grande escritor português por um viés menos celebratório.

Palavras-chave: Saramago. Mercado. Biografia

Em 1999, o cientista político e social argentino Martín Lafforgue coordenou um livro cujo fito, de acordo com o organizador, é “acercar un conjunto de textos que aunque ciertamente heterogéneos en su estilo e intención, (...) abran puntos de fuga, en un sentido si no necesariamente contrario, por lo menos diferente del de esta sofocante hagiografía” (LAFORGUE, 1999, p. 11-12)¹. O santo em questão é Jorge Luis Borges, e o “conjunto de textos” se reúne sob o instigante título *antiborges*. Esclareço desde já que não me lanço a uma aventura de combate contra José Saramago, pois eu o respeito, e ir contra ele seria, por muitas razões, tolo. O texto que ora escrevo, ao se intitular como se intitula, pretende, para além de verificar, aqui e ali, um fenômeno desliteralizante no que toca ao autor de *Memorial do convento*, homenagear a iniciativa e o título de Martín Lafforgue, já que a literatura deve inquietar e contradizer. Quando um Borges, um Saramago ou outro grande escritor deixa o sujeito civil engolir o nome que assina a obra, ou quando o mundo lê mais o sujeito que o autor, corre-se o risco de a biografia converter-se em hagiografia, para recuperar termo usado com sábia ironia por Lafforgue.

Volto a *antiborges* e cito a abertura de “Borges y su pensamiento político”, texto, datado de 1977, do então exilado escritor argentino Pedro Orgambide:

La preocupación que en diversas partes del mundo han despertado las declaraciones políticas de Jorge Luis Borges en defensa de las dictaduras del Cono Sur, el haberse transformado en el portavoz intelectual más notorio de la Junta Militar que usurpa el poder en la Argentina, en el panegirista de Pinochet – cabeza visible del genocidio – y el haber asumido, según sus propias palabras, una militancia a favor de estos regímenes de fuerza, nos obliga a detenernos hoy en un aspecto extraliterario de este escritor, a buscar las razones de esa militancia en su propio pensamiento político (ORGAMBIDE, 1999, p. 257)².

Para meu interesse, expressão importante no fragmento recém-citado é “extraliterário”, visto que para fora da literatura se é muitas vezes projetado quando a questão é Saramago – ainda que eu queira, neste texto, não esquecer a obra enquanto dela saio, e ver esse trânsito de modo tenso, nunca sossegado. “Pensamento político” também é algo bastante adequado ao Nobel português, e seu posicionamento, como se sabe, é radicalmente oposto ao de Borges: enquanto o bruxo porteño sempre foi simpático à chamada direita, Saramago era um marxista convicto e declarado. Mas me ocorre a afinidade saramaguiana com a Cuba fidelista

enquanto leio em Orgambide o sintagma “regímenes de fuerza” e o nome Pinochet. Fidel não é Pinochet, mas Cuba era, e é, um regime de força, com que Saramago rompeu após muita e duradoura simpatia.

Saramago não é Borges, ainda que ambos se afinem em muitos pontos. Deixo, portanto, o criador das memoráveis *Ficciones* para evocar certa conversa que meu amigo Sebastião Edson Macedo (estudioso da Literatura Portuguesa, hoje cursando PhD em Berkeley, CA) e eu tivemos nua rua carioca, há pouco mais de dois anos. Eu acabara de escrever um poema intitulado “Oráculo”:

leio num outdoor da estação de metrô
(desses com farol interno mais
vencida gana de não ser
só
propaganda)
o que transcrevo:
seu sorriso fala por você
consulte seu dentista.

um:
tanta terceira pessoa perturba
tanto
ademais
ésse confunde:
o sorriso será meu ou do
dentista você está a meu lado ou sou
eu mesmo consulto o meu sorriso ou o do
dentista ou meu
dentista?

dois:
dentista eu
não tenho dentista é
abstração de propaganda.
pronto:
sorrisos tão falantes não
conheço sorrisos
são
de dentes de mordidas não são bocas que são
beijos só
são falas se
não riem.

basta:
o esmalte em meu sorriso nunca fala meu
sorriso é tudo aquilo que não
vai em
luminoso
(MAFFEI, 2009, p. 32-33).

O “outdoor” da “estação de metrô” era a propaganda de um específico consultório dentário ou, o que é mais provável, de um plano odontológico. Fiquei impressionado com aquilo, pois a frase dizia, literalmente, o que transcrevi no poema: “seu sorriso fala por você/ consulte seu dentista”. Foi disparada

em mim uma reflexão sobre propaganda, publicidade, sorriso, dentes, convencimento, pessoas do discurso etc., e tudo isso num contexto só, o que gerou grande confusão conceptual e, conseqüentemente, o poema. Sebastião, que conheceu “Oráculo” em caráter inédito, lembrou-se dele em certa ocasião: enquanto caminhávamos pelo bairro de Botafogo, deparamo-nos com um luminoso, pregado numa banca de jornal, que propagandeava certo livro de Arnaldo Jabor – o título, seletivamente, não registrei. Para quem não sabe, tal Jabor é um ex-cineasta (foi lançado um filme seu no segundo semestre de 2010, mas não sei se isso diz muito) que ganha a vida, financiado pelas organizações Globo, dizendo frases de efeito conservadoras. Saramago não é Jabor, mesmo porque o único escritor entre os dois citados era homem de esquerda, mas talvez eu possa aproximar um do outro exatamente pelas frases de efeito – deter-me-ei agora apenas em Saramago, pois o que diz Jabor não cabe bem num texto que tenha alguma pretensão acadêmica. Cito uma fala forte saramaguiana, marcante em minha biografia. No ano de 1999, participei, ainda como estudante de graduação, do VI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, realizado no Rio de Janeiro. Nesse evento, o Saramago já pós-Nobel participou de uma mesa-redonda com João Ubaldo Ribeiro, Pepetela e Ferreira Gullar, sob a coordenação de Helder Macedo. Como a sala estava lotada, diversos espectadores que ficaram de fora tiveram de assistir à mesa em outro auditório, através de um telão. A certa altura, Saramago diz uma frase de efeito, que não sou capaz de reproduzir fidedignamente – era algo como “estou a cansar-se da literatura”, “estou a desiludir-me da literatura”, ou seja, era, isso eu afaço, algo *contra* a literatura. Após o dito, como a câmera ficou em Saramago, pude vê-lo virar o rosto para baixo e mantê-lo assim um bom tempo, e tive a sensação de que o gesto ambicionava causar efeito. Mas é só uma sensação, nada confiável, claro.

Mudam-se os tempos, dez anos depois, Saramago, quando do lançamento de *Caim*, concedeu uma entrevista ao jornal *O Globo*. Dali, destaco uma resposta: “Penso que não merecemos a vida, penso que as religiões foram e continuam a ser instrumentos de domínio e morte. Em suma, *Caim* teve razão para tentar impedir que outra humanidade substituísse a que teria morrido no dilúvio. Afinal, se a primeira era má, esta é péssima” (MILLEN, SARAMAGO, 2009). Pode-se concordar com o dito, pode-se dele discordar, mas é nova frase forte, e frases fortes, especialmente se ditas por alguém que insiste em dizê-las, correm o risco de perder a pujança e lançar mais luz sobre quem as diz que sobre elas – a propósito, faço questão de não comentar uma das mais famosas assertivas de Saramago, segundo a qual o brasileiro que não conhece o Museu Casa do Pontal é um imbecil. Saramago não é Borges, nem Jabor, nem Herberto Helder, mas cito o poeta em virtude de uma postura deveras peculiar. Trata disso uma reportagem de Luís Miguel Queirós no suplemento “Ípsilon” do jornal *O Público*, datada de 10 de outubro de 2008 e intitulada “Por que te calas?”. Vários herbertianos são consultados, eu inclusive, e é reproduzido um pequeno fragmento do que disse ao jornalista. Queirós, decerto por razões espaciais e estruturais, não incluiu em sua bela matéria algo que lhe afirmei, e que agora publico, afinal, pela primeira vez, com pouquíssimas alterações: em tempos de “celebridades”, que levaram essa palavra a perder tudo o que nela havia de respeitável, Herberto, calado, diz “não ser” celebridade alguma. Esse poeta é tão camoniano que localiza dentro do livro o célebre valor “alto e quase eterno”, jamais ambicioso dum “prêmio” que seja “vil” (Lus, I, 10, 2). Venho de citar o que o (nada) esquivo autor considera um “poema lírico, espiritual, secreto chamado *Os Lusíadas*” (HELDER, 2001, p. 195).

Com Herberto Helder aprendi que a luz deve estar sobre obras, não sobre escritores. Não nego que escritores, como figuras públicas, podem, e às vezes devem, ter certa luz, mas que exista uma inteligente diferença entre o que ilumina um texto e o que ilumina um sujeito civil, e mais: que exista diferença entre a luz lançada sobre o mundo pelos textos (literários, claro) e a que se origina da fala de sujeitos civis. Lembro-me agora que certo poeta e professor de literatura disse publicamente que da boca de Sophia de Mello Breyner Andresen saíam poemas; é mentira, pois poemas são exercícios esteticamente

formais, cujo objetivo precípua não é a comunicação, e a fala cotidiana, seja de Sophia, de Herberto ou de Saramago, é comunicativa. Mas Saramago não é Sophia, tampouco Herberto, tampouco poeta – suas aventuras em verso, sabia ele e sabe-se, não tiveram a excelência de alguns de seus romances. Reproduzi o que jamais saiu n’*O Público* não para dizer, por oposição, que José Saramago aceitou ser uma celebridade. Não é o caso. Mas o tamanho da figura pública, nalguma medida, prejudica a obra.

Devo voltar ao luminoso de Botafogo, pois, nele, Arnaldo Jabor aparecia sorrindo, o que representou mais um motivo para Sebastião lembrar-se de “Oráculo” enquanto era obrigado a ver a propaganda. Em verdade, o luminoso em questão lembra-me outro, este sem luz mas cheio de comunicação publicitária: a divulgação de *Caim* veiculada no Brasil em forma de *busdoor* – construção esdrúxula que tenta significar o que, na traseira de um ônibus, pode equivaler a um *outdoor*, outra construção, aliás, um bocado esdrúxula quando seu sentido é apenas o publicitário. De todo modo, lá estava uma fotografia de José Saramago, acompanhada de um texto que prometia algo como a versão saramaguiana do Velho Testamento, ou o olhar de Saramago sobre a parte mais controversa da Bíblia. Não nego: ver um escritor que respeito num *busdoor* causou-me impressão, e má, ainda mais porque se tratava de um confessado marxista. A formulação debordiana de sociedade do espetáculo é incontornável para se pensar o tempo de agora. Isso somado à publicidade, linguagem hegemônica e, hoje em dia, perversa e perversamente posta em atualização, compõe um conjunto que, repito, me causa impressão, e má, quando aí se encontra alguém como José Saramago, escritor e escritor marxista. Saramago não é Jabor, mas, queira-se ou não, Saramago e Jabor se esbarraram em *outdoors* brasileiros.

Não por isso, demonstrei, ao resenhar *Caim* para a revista eletrônica *pequena morte*, certa antipatia pelo romance. Naquele texto, pouco me importava o que acabei de comentar extraliterariamente – sim, o extraliterário, de maneira muita tensa, deve interessar-me neste texto, não no outro. Mas em “A ausência da simbologia de deus ou a culpa pode ser do Herberto Helder” (nada que ver com a postura extraletas do poeta, mas sim com a multivalência de Deus em sua obra), importava-me algo que expressei do seguinte modo: “a obra tão somente inverte o jogo dado pela Bíblia, não se importando com aspecto que, a mim (a culpa pode ser do Herberto Helder), é notável: inversões costumam manter os eixos intactos” (MAFFEI, 2010). Incomodava-me também certo humor, a meu ver ingênuo e de quase juvenil iconoclastia:

Chegas tarde, disse caim, se isaac não está morto foi porque eu o impedi. O anjo fez cara de contrição, Sinto muito ter chegado atrasado, mas a culpa não foi minha, quando vinha para cá surgiu-me um problema mecânico na asa direita, não sincronizava com a esquerda, o resultado foram contínuas mudanças de rumo que me desorientavam, na verdade vi-me em papos-de-aranha para chegar aqui, ainda por cima não me tinham explicado bem qual destes montes era o lugar do sacrifício (...) (SARAMAGO, 2009, p. 80).

Detecto uma diferença fundamental entre *Caim* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*: no mais recente, há isso que chamo de iconoclastia quase juvenil, além da manutenção do eixo, armadilha de que o romance não logra escapar; no mais antigo, pelo contrário, tensiona-se um elenco de noções muito fortes para o Ocidente, tais como Deus, Diabo, Evangelho e sobretudo história, palavra muito associada à literatura de Saramago. Julgo *O Evangelho* o texto em que a concepção saramaguiana de história chega a seu mais alto grau de excelência, e destaco uma passagem memorável. Em capítulo que começa com o sintagma “Manhã de nevoeiro” (SARAMAGO, 1991, p. 363), evocativo de Pessoa, tem lugar um diálogo que envolve as vozes de Deus, do Diabo e de Jesus; lá pelas tantas, após uma listagem de barbaridades históricas que, no futuro da diegese, virão a ser cometidas em nome de Deus, o diálogo caminha rumo a mui perturbador silêncio:

(...) e tu, Pastor, que nos dizes destes futuros e assombrosos casos, Digo que ninguém que esteja em seu perfeito juízo poderá vir a afirmar que o Diabo foi, é, ou será culpado de tal morticínio e tais cemitérios, salvo se a algum malvado ocorrer a lembrança caluniosa de me atribuir a responsabilidade de fazer nascer o deus que vai ser inimigo deste, Parece-me claro e óbvio que não tens culpa, e, quanto ao temor de que te atirem com as responsabilidades, responderás que o Diabo, sendo mentira, nunca poderia criar a verdade que Deus é, Mas então, perguntou Pastor, quem vai criar o Deus inimigo. Jesus não sabia responder, Deus, se calado estava, calado ficou, porém do nevoeiro desceu uma voz que disse, Talvez este Deus e o que há-de vir não sejam mais do que heterónimos, De quem, de quê, perguntou, curiosa, outra voz, De Pessoa, foi o que se percebeu, mas também podia ter sido, Da Pessoa (SARAMAGO, 1991, p. 389).

Pessoa, após ser evocado, é nomeado, mas a evocação pessoana já começara na personagem do diabólico Pastor, em cujo fundo figura um torto Caeiro. Em circunstância de nevoeiro e heteronímia, fica muito difícil que os sentidos se cristalizem, ainda mais porque, no fragmento transcrito, há ainda, ao lado de Pessoa, Camões: “futuros e assombrosos casos” é expressão que remete ao episódio do Adamastor; diz Vasco da Gama, após superar a ameaça do “monstro horrendo” (*Lus*, V, 49, 1) que vaticinara diversas desgraças para os portugueses:

Assim contava, e com um medonho choro
Súbito diante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e com um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros (*Lus*, V, 60).

A voz do Gama é dirigida a Deus, instância extremamente controversa num épico que pouco tem de épico e quase nada de cristão. O pedido do Gama não será atendido, pois “os duros/ Casos, que Adamastor contou” são “futuros” ao capitão, não a Camões: historicamente, os fatos acontecem. No romance, passa-se algo semelhante, estando Deus sob a suspeita de Jesus, do Pastor e, acima de tudo, da linguagem e da história. Impressiona-me que Saramago consiga ler o cristianismo na condição de ocidental e de português, articulando sua perspectiva histórica à história de sua literatura. Vejo nisso uma radicalização da palavra “ocidental”, termo-chave no título mais conhecido de Cesário Verde. No poema cesarino, é feita uma fecunda conexão entre Portugal e outra Europa, ou seja, “o mundo!” (VERDE, 2010, p. 199), sem que haja muito espaço para viagens marítimas, não passando o caminhante sujeito lírico da fronteira geográfica e simbólica que é o Tejo. No “sentimento” de Saramago, que vai à origem de um dos fundamentos da cultura “ocidental”, ou seja, extrapola a lista que Cesário Verde compôs – “Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!” (VERDE, 2010, p. 199) –, impressiona-me também o silêncio de Deus, tema da moderna angústia do Deus morto, formulada por Nietzsche e tema fulcral, por exemplo, de certo cinema europeu a partir do final dos anos de 1950. Ouvi dizer que Bergman, autor de filmes bastante atentos a uma transcendência problemática, cogitou um argumento, nunca vindo à luz, baseado em gesto radical: trancar-se-ia numa Igreja um indivíduo que se prometeria de lá sair apenas quando Deus falasse com ele. Em Saramago, o fato de Deus ter chegado a falar talvez torne a situação ainda mais dramática.

Em resumo, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* não deixa o eixo intacto, pelo contrário, desmonta tolas dicotomias. *Caim* não vai tão longe, e foi justamente com esse romance que Saramago se despediu

dos livros, mas não do mercado editorial: meses após a morte do romancista foram publicados no Brasil *As palavras de Saramago*, de Fernando Gómez Aguilera, e *A última entrevista de José Saramago*, de José Rodrigues dos Santos. Teresa Cerdeira, em resenha a ambos os livros, diz que o primeiro é “uma vasta seleção de declarações do escritor extraídas de jornais, revistas e livros de entrevistas, publicados em Portugal, no Brasil, na Espanha e em diversos outros países, da segunda metade da década de 1970 até março de 2009”; o segundo “parece funcionar como espaço em que os fragmentos selecionados por Aguilera reaparecem numa única e longa entrevista” feita “a oito meses” da morte do consagrado morador de Lanzarote. Na resenha, a saramaguiana (e não só) da mais alta estirpe afirma, a partir de *As palavras de Saramago*: “por onde quer que comecemos a leitura da seleção cuidadosa de Aguilera, José Saramago estará lá como homem, como escritor, como cidadão. Indissociáveis” (CERDEIRA, 2010, p. 6).

O fato que (não) me surpreende é óbvio: morre o indivíduo, surgem dois livros não escritos por ele, ainda que autorizados. Portanto, se foi *Caim* o último livro de José Saramago, não foi o último a ocupar um espaço relativo a esse autor nas prateleiras das livrarias. Saramago ter morrido serve como alimento a uma indústria que não para, e já se movia em redor do escritor enquanto ele era vivo. E é notável que o interesse por um Saramago extraliterário seja mais intenso que pela obra. Diz Teresa Cerdeira: “homem”, “escritor”, “cidadão”: “Indissociáveis”. Por mais que nisso exista uma inflexão pública, existe também o risco de enfraquecimento do literário, pois Saramago, não obstante o romantismo que subjaz a sua literatura, não vive no século XIX, quando um Garrett, por exemplo, indiferenciava vida e obra, ou, no mínimo, conectava fluidamente vida e obra. É produtivo citar um fragmento de Helder Macedo sobre Garrett:

Havia um professor de Português em Oxford – homem brilhante mas famosamente preguiçoso – que fez a sua carreira universitária à custa de uma conferência sobre Almeida Garrett. A mesma. Trinta anos. Em resumo, dizia que Garrett tinha sido um feixe de contradições, uma espécie de oxímoro ambulante: revolucionário conservador, romântico classicista, populista aristocrático, altruísta narcísico, sensualista puritânico, moralista sem moral, e assim por diante. Tudo em parte verdade, mas tudo finalmente mentira porque o conferencista ficava-se por aí, por essas e mais algumas contradições pessoais do cidadão Almeida Garrett, sem transitar para as representações literárias do escritor. Ora eu creio que a capacidade de representar literariamente a coexistência e simultaneidade de opostos é precisamente uma das qualidades mais notáveis de Garrett (MACEDO, 1999, p. 85-86).

No mesmo ensaio, Helder Macedo comenta personagens como o Carlos de *Viagens na minha terra*, duplo estranho de um Garrett liberal e simultaneamente conservador, ainda que à sua maneira. O autor de “Cascais”, enfim, representou “literariamente a coexistência e simultaneidade de opostos”, tendo tido uma biografia mais ou menos bem descrita pelo “brilhante mas famosamente preguiçoso” “professor de Português” de “Oxford”, já que, antes de tudo ser “finalmente mentira”, tudo é “em parte verdade”. Garrett vem ao caso nesta reflexão pela negativa: a Saramago não caberia em nenhuma hipótese o que dizia o “professor de Português” acerca do oitocentista, pois, e agora jogo com as palavras de Teresa Cerdeira, “por onde quer que comecemos a leitura” do que se diz sobre José Saramago, estarão lá o “homem”, o “escritor” e o “cidadão”, “indissociáveis” e muito coerentes.

É precisamente essa coerência que guarda, a meu ver, um problema de fundo (para além de a inflexão pública a que me referi poucos parágrafos atrás debilitar-se pelas séries de frases fortes). Não há contradição nas falas de Saramago, tampouco no que se costuma dizer sobre ele. Todavia, vejo discreta e perigosa incoerência entre tudo isso e: 1) Saramago caber sem demasiadas tensões no mercado e na publicidade; 2) construir-se uma espécie de hagiografia (para não esquecer expressão usada por Lafforgue para falar da

recepção borgiana) de Saramago. Assusta-me o problema 1 em virtude de uma tendência que me cerca, e cuja metonímia é um poema de Ferreira Gullar ser exibido numa vitrine de loja, no bairro carioca de Ipanema. Algo me chamou a atenção: tempos depois – semanas, talvez – de ver o poema de Gullar na vitrine, vi, no corredor principal da Faculdade de Letras da UFRJ, diversos grandes cartazes com o rosto do mesmo indivíduo. Penso outra vez em Cesário Verde, pois falei de novo em mercado e publicidade, e um verso que me ocorre aquando de reflexões assim é “Nas letras eu conheço um campo de manobras” (VERDE, 2010, p.127). Agora, vendo Gullar na loja e na Letras, outro verso cesarino me lembra: “Pelos *vitruines* olha um ratoneiro imberbe” (VERDE, 2010, p. 203). O autor de *Dentro da noite veloz* nada tem de “imberbe” nem de “ratoneiro”, o que, de certo modo, é pena, já que a famosa assertiva de Brecht, segundo a qual roubar um banco é muito menos grave que fundar um banco, tem cada vez mais atualidade. Mas Saramago não é Gullar, de quem falei em virtude da metonímia que é seu poema exposto numa vitrine. Outro poeta, este português e mais jovem, vem ao ensaio por razão diversa, pois nomeia José Saramago em certo poema:

CRONOFOBIA

Sou contemporâneo de Villon
e escrevo às vezes a Montaigne,
arguto mas demasiado absorto
no renome e na sabedoria instável
dos seus livros anotados.

Ouvi ontem, junto de Lady Nevell,
as últimas composições de Byrd
para virginal e pareceram-me
– a primeira pavana, sobretudo –
uma dádiva excessiva à posteridade.

Escrevo estas linhas agora
outrora, olhando de frente
o crepúsculo e as poucas nuvens
que toldam, por desfaçatez,
o céu irremediável de Janeiro.

Corre entretanto o boato de que
Castela se apossou de Portugal
e houve até um poeta obscuro
que preferiu morrer antes disso,
em versos de imponderável beleza.

Não sei. O vinho cola-se-me uma vez mais
aos lábios, cansados peregrinos do amor,
e um galgo aproxima-se devagar
da mão que nunca lerá José Saramago
(FREITAS, 2002, p. 23-24).

A estrutura do poema dá a ver um poeta no primeiro verso, Saramago no último. O jogo é de deslocamentos e subversão do tempo, situando-se o sujeito lírico em várias épocas: o século de Villon é o XV, os de William Byrd, o XVI e o XVII, o de Camões e Montaigne, o XVI, o de Saramago, o XX e o XXI. Por que cito Camões se o vate não se encontra citado no poema? Porque “um galgo aproxima-se

devagar/ da mão que nunca lerá José Saramago”, o que me lembra que o romancista tinha um cão de nome Camões. E, claro, pela penúltima estrofe: “Castela se apossou de Portugal” em 1580, após a morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir, quando Camões, “um poeta” então “obscuro” – talvez “obscuro”, no melhor sentido, ele ainda seja – “preferiu morrer antes disso,/ em versos de imponderável beleza.” Sim, Camões se mata obra n’*Os Lusíadas*, na incontornável estância 145 do Canto X: “No mais, Musa, no mais, que a lira tenho/ Destemperada e a voz enrouquecida/ E não do canto, mas de ver que venho/ Cantar a gente surda e endurecida” (*Lus*, X, 145, 1-4). O valor que vem ao caso na estrofe fica evidente nos versos seguintes: “O favor com que mais se acende o engenho/ Não no dá a Pátria, não, que está metida/ No gosto da cobiça e da rudeza/ Dũa austera, apagada e vil tristeza” (*Lus*, X, 145, 5-8).

É já lugar comum, mas vale repetir: o “favor” ambicionado pelo poeta é a audição de seu canto, pois o projeto camoniano tem na poesia e no amor seus lugares fortes. Uma frustrada profissão de fé poética justifica o lamento de quem não é ouvido, e é confrontado, logo, com a extrema impossibilidade do diálogo. Aliás, “o que é um diálogo? Como a linguagem se forma no diálogo? Não posso dizer outra coisa senão que a linguagem se forma em cada diálogo de maneira nova.” (GADAMER, 2007, p. 80), de acordo com Gadamer. Se “a linguagem se forma em cada diálogo de maneira nova”, a não existência do “diálogo” é como que a morte da linguagem, conseqüentemente da língua, conseqüentemente da poesia. A surdez aniquila a possibilidade dialogal, e está também aniquilado o grande prêmio ambicionado pelo poeta que inventou um Portugal amoroso.

Já disse aqui que Saramago leu Camões lindamente n’*O Evangelho segundo Jesus Cristo*, além de ter construído diálogos magníficos. No entanto, a Freitas parece que o “favor com que mais se” acendia “o engenho” saramaguiano tinha que ver, talvez, com *outdoors* e luminosos. Fato é que a oposição faz-se notavelmente clara: de um lado, Camões, homenageado nesse e noutros tantos poemas de Manuel de Freitas, representando um Portugal tão imponderavelmente belo que jamais apossável por Castela; do outro, Saramago, representando um Portugal tão da ordem do “campo de manobras” que já apossado por forças que nada têm que ver com literatura. Talvez a “Cronofobia” se imponha porque, não obstante o eu lírico ser de vários tempos, Freitas é deste, do começo do século XXI, tempo porventura hostil à metáfora Camões.

Acabo de falar em prêmio e em Camões, e reputo irônico que o cão de Saramago tenha recebido o nome que recebeu porque o dia de sua aparição na casa do escritor foi o da concessão a este do prêmio Camões. Falei de Herberto Helder, autor que recusou o prêmio Fernando Pessoa, e que, depois disso, jamais recebeu prêmio algum, e falei de Camões, que jamais teve de recusar um prêmio porque mal foi lido. Volto a falar diretamente de Saramago em escrita, para afinar-me com texto seu, presente na recolha cronística *A bagagem do viajante*. Na nota que antecede os textos do livro, leio que as crônicas foram originalmente publicadas entre 1969 e 1972, enquanto o primeiro romance de Saramago a ter grande repercussão, a admirável releitura crítica do neorrealismo intitulada *Levantado do chão*, data de fins dos anos de 1970. Portanto, o Saramago que lerei agora é anterior à sua consagração como ficcionista.

A crônica que ora me interessa é “O décimo terceiro apóstolo”. Não sem alguma ironia, o autor diz evitar uma polêmica com o cristianismo – “sinto-me bem neste ateísmo pacífico, nada belicoso, que é o meu”, (SARAMAGO, 1996, p. 115). Claro, belicosa foi a reação da Igreja a *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, romance em que eu vejo efetivas homenagens, vindas de um ateu, ao Filho de Deus. Na crônica em questão, o apostolado que vem ao caso dentro da Igreja não é exatamente cristão:

(...) estamos vendo já aqui o décimo terceiro apóstolo. Como os antigos, corre o mundo todo e fala todas as línguas. A par dos métodos que a tradição legou, aplica os novos processos de marketing, utiliza largamente os audiovisuais, incita os continuadores de Miguel Ângelo a desenharem cartazes e os imitadores de Dante a versicularem sobre slogans. O décimo terceiro apóstolo é alto, elegante, desportivo, cheira a água-de-colônia, tem as fontes adequadamente grisalhas,

a pronúncia saxônica, um pouco ciciada – e chama-se Publicidade. E por que havemos de escandalizar-nos? Cada época emprega os meios de que dispõe (...). Não nos espante pois que as igrejas do nosso tempo tenham decidido usar os métodos promocionais que deram boas provas na criação de necessidades e satisfação delas, ad majorem societate de consumo gloriam. Em todo o caso (...), causa-me engulhos ver uma cruz alçada entre grandes anúncios de detergentes e camisas anti-rugas. Como dizia aquela tia velha que não tive, mas que todos tiveram: “Não acho bem”. Coitada, já lá está. Poupou-a o benévolo destino a este desgosto (SARAMAGO, 1996, p. 116).

“Em todo o caso”, eu, que estou de pleno acordo com Saramago, “não acho bem” vê-lo em situações como algumas descritas neste texto, especialmente a publicitária – “sociedade de consumo gloriam” –, posto que, se uma “cruz” não combina com “detergentes e camisas anti-rugas”, ... Pensando bem, se me interessa pensar um tipo de fenômeno desliteralizante no que toca ao brilhante autor da crônica recém-citada, interessa-me enormemente recuperar os holofotes para a literatura assinada pelo autor d’*A jangada de pedra*. Parte dela eu suspeito refém do que, extraliterariamente, tocou Saramago excessivamente, mas outra reúne algumas das preciosidades que a língua portuguesa, nas últimas décadas, foi capaz de produzir. Portanto, ainda que o título deste texto faça sentido, também o faria caso se chamasse “Pró-Saramago”.

AntiSaramago

ABSTRACT:

Reflecting on Jose Saramago requires thinking about work and biography, seeking to assemble them by the tension bias. The author of *Baltasar and Blimunda* was recognized not only for his novels, but also by the attention that he received while a politically active civil subject. Data like Saramago’s tolerance for the market and for the advertising, being him a declared marxist, provides a discussion that seeks to see this great portuguese writer by a less laudable bias.

Keywords: Saramago. Market. Biography.

Notas explicativas

- * Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Letras.
- ¹ “(...) aproximar-se de um conjunto de textos, certamente heterogêneos em estilo e intenção, mas capazes de abram pontos de fuga, em um sentido não necessariamente contrário, mas, ao menos, diferente dessa sufocante hagiografia” (Tradução minha).
- ² “A preocupação que causaram em diversas partes do mundo as declarações políticas de Jorge Luis Borges em defesa das ditaduras do Cone Sul, o fato de ele haver-se transformado no porta-voz intelectual mais notório da Junta Militar que usurpa o poder na Argentina, no panegirista de Pinochet – líder evidente do genocídio –, e a adoção, segundo suas próprias palavras, de uma militância em favor destes regimes de força nos obriga a dar atenção, hoje, a um aspecto extraliterário deste escritor, a buscar as razões dessa militância em seu próprio pensamento político” (Tradução minha).

Referências

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1978. 616 p.

IPOTESI, JUIZ DE FORA, v. 15, n. 1, p. 241-250, jan./jun. 2011

- CERDEIRA, Teresa. Saramago, entre nós. Prosa e Verso, *O Globo*, 18 set. 2010. p. 6.
- FREITAS, Manuel de. [SIC]. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. 68 p.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva – volume III: hermenêutica e a filosofia prática*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007. 94 p.
- HELDER, Herberto. Herberto Helder: entrevista. *Revista Inimigo rumor*. Rio de Janeiro, 7 Letras/ Lisboa, Cotovia, n. 11, p. 190-197, 2001.
- LAFFORGUE, Martín. Introducción. In.: LAFFORGUE, Martín (Org.). *antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999. p. 11-14.
- MACEDO, Helder. Almeida Garrett e as ambiguidades do romantismo. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 80-88, 2º sem, 1999.
- MAFFEI, Luis. A ausência da simbologia de Deus ou a culpa pode ser do Herberto Helder. *Revista eletrônica pequena morte*, n. 20. Disponível em: www.pequenamorte.com. Acesso em: 05 set. 2010.
- _____. *Telefunken*. Porto: Deriva, 2009. 72 p.
- MILLEN, Mànya. José Saramago: “Penso que não merecemos a vida”. Disponível em *O Globo - Prosa online*: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/10/17/jose-saramago-penso-que-nao-merecemos-vida-232821.asp>. Acesso em: 14 jul. 2010.
- ORGAMBIDE, Pedro. Borges y su pensamiento político In.: LAFFORGUE, Martín (Org.). *antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999. p. 257-331.
- SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 208 p.
- _____. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 174 p.
- _____. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 448 p.
- VERDE, Cesário. *Poemas reunidos*. Introdução e notas Mario Higa. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. 360 p.